

## O MODO DE VIDA ÉTICO EM KIERKEGAARD

Helysson Assunção França<sup>1</sup>

Delmo Mattos da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente estudo tem por objetivo discorrer sobre o estilo de vida ético. Kierkegaard atingiu a essência da filosofia idealista. O modo de vida ético está presente no indivíduo devotado como a família e o trabalho. Tal estágio é configurado pela sociedade e por decisões consistentes, adotadas conforme os padrões morais. É o estágio do homem considerado sério, razoável, bom marido, pai e cidadão. O homem ético é visto pelo homem estético com ironia. No entanto, o estilo de vida ético não deve ser visto como a exclusão do estético, do prazer, mas, sim, a reorganização dele. O modo estético permanece no interior do ético, porém reformulado, possibilitando que se tenha maior conhecimento de quem se é realmente, e da pessoa com que se vive.

**Palavras – chave:** Modo de vida. Ético. Kierkegaard.

**ABSTRACT:** This study aims to discuss the ethical life style. Kierkegaard reached the essence of idealist philosophy. The ethical way of life is present in the individual as devoted family and work. This stage is set by the company and consistent decisions, adopted as moral standards. It is the state of man considered serious, reasonable, good husband, father and citizen. The ethical man is seen by the aesthetic man with irony. However, the style of ethical life should not be seen as the exclusion of the aesthetic, pleasure, but rather the reorganization of him. The aesthetic mode remains within the ethical, but reworked, enabling them to have greater knowledge of who it really is, and the person with whom you live.

**Keywords:** Way of life, Ethical. Kierkegaard.

## INTRODUÇÃO

Kierkegaard atingiu a essência da filosofia idealista. Porém este idealismo não dá conta da existência, uma vez que ela não se limita a possibilidades, probabilidades ou mediações lógicas. Se no momento da constituição histórica da existência, da pessoa humana ou de Deus ocorresse à apreensão desses três elementos, tudo viria a acontecer por absoluta necessidade lógica. Na filosofia

---

<sup>1</sup>Bacharel em Ciências Jurídicas – Graduando em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão – Universidade Federal do Maranhão. E-mail: helysson\_franca@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Dr. em Filosofia. Fundação Getúlio Vargas. E-mail: delmomattos@hotmail.com

existencial, o eixo da hermenêutica refere-se à decisão apaixonada do existente quando da transformação da própria existência, visto que qualquer decisão essencial ocorre na subjetividade. Assim, a filosofia compromete-se com a dimensão do diálogo íntimo do eu consigo mesmo, com base na pressuposição de que o homem é espírito. Caso exista uma chave hermenêutica para compreender Kierkegaard tal chave é ele próprio e isso somente torna-se possível ao se conhecer o labirinto de sua obra. De modo contrário, o risco de se enganar e de se iludir com a apresentação dos temas é bem maiores do que elaborar passo a passo o quebra-cabeça denominado Kierkegaard.

O autor desenvolve os estágios da existência como sendo uma metáfora escatológica. O estético significa a queda, o homem que vive o momento sem consciência do télos último da existência. O ético configura a autossuficiência do homem que acredita ser capaz de resolver os problemas e edificar seu paraíso na terra, no entanto, fica frustrado e impotente. Logo, o presente estudo tem por objetivo discorrer sobre o estilo de vida ético em conformidade com o entendimento de Kierkegaard.

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTILO DE VIDA ÉTICO EM KIERKEGAARD**

O modo de vida ético está presente no indivíduo que é devidamente correto tanto com sua família e devotado ao trabalho. Tal estágio é configurado pela seriedade e por decisões consistentes, adotadas conforme os padrões morais. Portanto, é o estágio do homem considerado sério, razoável, bom marido, pai e cidadão. Assim, se adequa a interioridade e a exterioridade, a segurança da generalidade, partindo da qual se reconhece o indivíduo, podendo ele livrar-se da angústia decorrente da interioridade solitária, que se expressa de alguma maneira no exterior. Todo homem ético dedica-se ao convívio social fazendo parte de um grupo em decorrência da obediência às normas. No momento em que assume seu papel, o homem ético escapa de sua própria interioridade. Nessa perspectiva, a sociedade pode ser concebida como uma exteriorização que não possibilita a introspecção, o que gera a mentira, a

despersonalização, o anonimato. Essa realidade gradua a todos, igualando-os e reprimindo aquilo que têm de único e particular. Nesse sentido, Lupi (apud DACOREGIO, 2007, p.44) acrescenta: “A sociedade apodera-se do indivíduo diluindo a sua personalidade nas relações e na estrutura social”. Não existe o conflito entre desejo e dever e, no momento da opção pela ética, deixa-se de lado o desejo, dando lugar a um conjunto de obrigações que são exigidas no campo da ética. Assim, no estilo de vida ético, passa a estar presente a condução racional da vida, o controle racional dos instintos, no entanto, não se tem uma racionalização plena.

No entendimento de Kierkegaard, deve-se desprezar uma vida calcada em interesses materiais, ligando-se às pessoas por dinheiro ou até mesmo por outro interesse. O autor indica diversos exemplos nesse aspecto, mostrando os motivos pelos quais, um casamento poderia ocorrer, sem se tratar de amor e, que por ele seriam desprezados. Portanto, ser ético não significa rejeitar sentimentos fazendo das escolhas uma realização de interesses pessoais, em outras palavras, seria usar o outro como um meio para superar uma necessidade pessoal. De forma contrária, a área ética é a do sacrifício de si próprio pelo outro, de amar ao próximo mais que a si mesmo. Verifica-se, que, no ético há uma conciliação da vontade com a vida social, porém, não se trata de ser um escravo, uma vez que o bem é feito por querer. Aquele que aceita a esfera do ético, termina por opção a abandonar o modo de vida estético. Essa é considerada a esfera do homem que ainda não é conhecido como espírito, como também não se tem conhecimento de sua ligação com Deus. Assim, sua existência mostra-se cega de si mesma igualmente como a do esteta que expressa também desespero. Todo homem ético, busca refúgio no papel social, ignorando o local em que está o verdadeiro perigo, mas “[...] o pior e terrível é a estupidez ética” (DACORREGIO, 2007, p.45). Como já é capaz de controlar seus instintos, entende que está no caminho certo, no entanto, encontra-se mais preso que no estilo estético.

Da mesma forma como acontece no estilo de vida estético, o ético vincula-se a tudo que é temporal e, assim, o indivíduo desesperado não toma consciência do que está acontecendo consigo. Chega a perder a eternidade e a si mesmo sem saber o que acontece. O estilo de vida ético não detém valores

constantes, visto não serem eles internos ao indivíduo e, portanto, tudo é passageiro. Um homem que se encontra nessas condições, não aceita seu desespero e não pretende encontra-se, conseqüentemente, acomoda-se no seu papel social, no qual é elogiado pelos outros e vive de maneira confortável. Um dos perigos que se pode verificar no estilo ético refere-se à aprovação pelas outras pessoas. O indivíduo que representa seu papel social e recebe a aprovação dos outros, respeita os seus direitos que devem ser exercidos. Quanto mais ele vive corretamente, maior é sua contribuição para o bem-estar dos outros, o que leva a dois problemas: ficar envaidecido por sua postura e confundir a aprovação social com postura correta.

Talvez seja uma tentação ser visto como correto pela sociedade, e, neste fato, é possível encontra-se solução para a insegurança do ser humano. Sabe-se que, geralmente, a sociedade não aceita certas posturas que não estejam alinhadas com os valores sociais. Convém ressaltar, que os gostos pessoais recebem muita influência das opiniões vigentes e que dominam a maioria das pessoas. Daí surgir o seguinte questionamento: Como se manter os gostos pessoais de forma genuína, frente à influência de padrões e comportamentos dominantes na sociedade? Pois, na verdade, tudo que existe no meio social afeta a consciência humana e se modificam sem se perceber. Assemelham-se a uma lavagem cerebral que influencia tanto no superficial quanto no estilo de vestir, afetando até os mais altos níveis de pensamentos e idéias. A idéia que predomina é que a maioria está correta. Dessa forma, todos foram acostumados a pensar, de modo que, aquelas pessoas que se comportam diferentemente, daquilo visto como normal são sempre marginalizadas. É próprio da maneira de vida ética, o ato de padronizar comportamentos, exigindo, assim, uma uniformidade de posturas, uma vez que, o campo da ética é marcado pela busca de uma harmonia entre os seres humanos e, para se alcançar esse fim, há uma procura para igualá-los. Este se constitui um dos perigos do estilo de vida ético, ou seja, do indivíduo perder seu rumo em decorrência da aprovação da sociedade e não poder perceber-se, isto é, interiorizar-se no seu próprio eu. O homem ético é visto pelo homem estético com determinada ironia. De forma contrária ao esteta, o homem ético tem interesse em organizá-lo. A ética acompanha-se da continuidade, do tempo. O ético não aproveita com intensidade os momentos, tal como acontece com o estético. E, como

consequência dessa realidade, o homem torna-se algo através do dever, e, assim, conforma-se ao universal. O esteta não possui moralidade, pois ele se apresenta indiferente a ela. No ético, a moralidade adiciona a eternidade, assim compreendida: “a verdadeira eternidade no amor, que é a verdadeira moralidade, tem por primeiro efeito, pois, salvá-lo do sensível. Porém, se há de se produzir essa eternidade verdadeira, é preciso que intervenha a vontade” (KIERKEGAARD, 1994, p.22). Dessa forma, a decisão pelo casamento, que significa a passagem do estético para o ético, representa a decisão pela eternidade e o ético passa a dar sustentação à estética.

O estilo de vida ético não deve ser visto como a exclusão do estético, do prazer, mas, sim, a reorganização dele. Entretanto, mesmo ocorrendo um salto, o indivíduo continua sendo ele mesmo, ao passar de um estilo de vida para outro. Pois, ele se refaz, ocorrendo um processo de reconstrução baseado em tudo em que foi no estilo estético: “[...] e a mim importa mostrar que mesmo na vida diária é possível ser fiel à estética” (KIERKEGAARD, 1994, p.12). O modo estético permanece no interior do ético, porém reformulado, possibilitando que se tenha maior conhecimento de quem se é realmente e da pessoa com quem se vive, sem a perda da beleza. O estilo ético permite que o indivíduo possa concretizar seu amor ao outro, visto que no estético o que era feito pelo outro não era por amor a esse outro, mas por ele mesmo, pelo fato de ser baseado no orgulho, tal como diz Kierkegaard (1994, p.14):

Já vês que não te nego tampouco certo espírito de bondade e caridade; teu modo de socorrer os infelizes é verdadeiramente belo e a humanidade que demonstras não carece de nobreza; porém, creio também, ver nela um resíduo de orgulho.

Dessa maneira, o esteta proporciona o bem ao próximo, porém, por orgulho e não por amor. Por outro lado, o homem ético sente-se reconhecido por fazer parte de um todo, um conjunto de indivíduos. Tal reconhecimento é mais relevante que qualquer interesse egoísta que conduza a uma realização individual, visando proporcionar um controle dos instintos, que é um estilo de vida superior ao estético. No entanto, não no aspecto de aliviar o desespero que, nesse ponto de vista, encontra-se presente no estilo estético. Neste, há uma fuga de si mesmo via prazeres, ao passo que no ético ocorre por meio das obrigações sociais. Há um sentimento comum em ambos os estilos de vida: estético e ético,

qual seja: a aprovação do outro. Portanto, o esteta quer ser amado, como também anseia por conquistar com sua simpatia e sedução, ao passo que o homem ético quer ser aceito pela sociedade, deseja que suas ações sejam vistas como corretas e admiráveis. Ainda, a necessidade de aprovação do outro não permite o olhar para si mesmo, para a aprovação de si mesmo, a verdadeira aprovação de si mesmo que leva a realização do eu. A significância da ética na obra de Kierkegaard normalmente está circunscrita à interpretação e à compreensão do segundo estágio da existência. Os equívocos quanto à concepção de ética são atribuídos a esse autor por desenvolver complexos personagens-pseudônimos que brincam com o conceito e o conteúdo da ética entre si. Nesse sentido, Jorge Miranda e Álvaro Valls (2007, p.42) ressaltam que:

Poucos conseguem distinguir os significados da moral, da ética, da eticidade e do ético neste autor. E a ética-segunda é distinta da primeira. A tese que resume os limites da ética-primeira está em *Temor e tremor* e no *Enten/eller* com dimensão crítica: 'A ética é o universal, e como tal vale igualmente para todos' e o 'ético é o universal e em tal modo o abstrato. Em sua completa abstração o ético se manifesta como lei'. A ética-primeira anula na universalidade e personalidade e a responsabilidade que se concretizam na escolha entre o bem e o mal, o ético e o não ético.

Vários estudiosos usam a descrição do estágio ético como uma ética kierkegaardiana. Normalmente, procede-se à análise da ética partindo de uma obra específica, sem levar em conta seu conjunto. Tem-se assim, uma grande limitação, visto que o estágio ético somente descreve uma fase, ou uma noção de vida e, portanto, não pode ser generalizado como a concepção de ética em Kierkegaard (VALLS; ALMEIDA, 2007).

## A PAIXÃO

Kierkegaard ressalta que o amor romântico requer reflexão. Dessa forma, o método seria submeter o sentimento à dúvida. Há evidências de que a paixão é muito forte, porém desmorona mediante a dúvida. Esse sentimento caracteriza-se como fugaz, instável, incerto, inseguro. Na existência do homem, o que existe

de mais belo é o sentimento do erótico e Kierkegaard não rejeita o lado erótico do amor. Dentro do amor a sensualidade não é somente sensível, a carne não é o sensual, mas sim, o egoísta. No entanto, mesmo assim, o espiritual pode ser sensual. Esse autor mostra que o desejo físico, no momento de um estado de paixão, é saudável, entretanto, o amor superior é aquele que leva à eternidade. A paixão é considerada como a emoção primeira do amor e é importante manter-se fiel a mesma. Desse modo, ela deve ser lembrada. Apesar de imperfeita, é possuidora de beleza. A paixão é vista como o amor-instinto, sendo este o momento da coisa primeira e, as pessoas tendem a gostar das primeiras sensações.

Quanto menos se repete, mais valor tem a paixão. As primeiras emoções do amor são faladas como se elas não fossem repetidas. Porém, já está presente à totalidade, e o amor já está incluso, em potencial. Assim, são felizes os que perpetuam o primeiro instante em um segundo. Essa eternidade surge até mesmo quando os apaixonados se sentem como se conhecessem um ao outro desde sempre. Kierkegaard menciona que a paixão cega às pessoas, e por esse motivo, não é visto os defeitos do outro, ao passo que no amor os defeitos podem ser vistos e ocorre uma convivência pacífica entre eles. No amor-instinto a pessoa contempla sua visão interna do outro, enquanto o amor eterno possui uma visão totalizante. No entanto, Kierkegaard não esclarece claramente a razão pela qual isso acontece, como também não esclarece se esta é uma forma única para que se comece um relacionamento, e, se é possível não reconhecer esse estágio.

A paixão surpreende as pessoas, sendo ela marcada por uma atração forte na qual encontra sua liberdade. Não tem medo do perigo, possui a segurança do imediato e espontâneo, portanto, desafia o mundo. Acha desagradável a inexistência de obstáculos. Trata-se de um sentimento forte, porém, passageiro, o que pode ser percebido pelo fato dos apaixonados enfrentarem tudo e a todos, pensando que sabem o que sentem, e, assim, trocam juras de amor eterno fazendo planos futuros, ao se conhecerem. Segundo Kierkegaard, diz que há uma necessidade ética da eternidade da paixão, pois ela dá moralidade a esse sentimento. No compromisso com o outro frente à sociedade é que se encontra o lado ético. Daí a paixão assumir a decisão de estar com a pessoa perante os outros para que se torne ética. O religioso não ignora a paixão, pois lhe dá

sustentabilidade, conduzindo-se a união com o eterno. Entretanto, esse entendimento não está bem explícito para Kierkegaard, uma vez que este mostra em seus fundamentos que se trata de uma opção pela solidão. Para esse autor, ama-se somente uma vez na vida e, dessa forma está presente no verdadeiro amor terrestre à característica de ser único e de ocorrer apenas uma vez.

### **AMOR E PAIXÃO NO CONTEXTO ÉTICO**

Diferencia-se o amor da paixão tomando por base seu caráter ético. A paixão é algo vazio, pois possui somente o lado estético, não aceita a renúncia, e pretende alcançar a realização de sua vontade. No entanto, a paixão não se apresenta egoísta, pois falta somente a reflexão sobre a forma como se expressa. O amor inicia-se no amor a si próprio. Mas o amor sublime é aquele dedicado ao outro, em viver para o outro e não para si mesmo. Amar exige uma entrega e, portanto, isto somente é possível quando o indivíduo deixa de lado o egoísmo. Desta forma, quem ama e conhece a si mesmo, está em condições de amar e se entregar ao outro.

A conquista levada a efeito, em decorrência de uma imagem, não pode ser comparada com o amor, para ser amado é necessário mostrar-se ao outro, sem máscaras. O amor é algo ligado à alma, e não está baseado em qualidades: Em que se baseia o amor? Em empatia? A partir do quê o amor inicia-se? Há uma tendência para se acreditar que o amor é construído, isto é, quando alguém se apaixona e se decide incluir nessa relação, com um Ser ético, nesse momento, torna-se necessária uma reflexão: O amor é algo programado? Não é um sentimento natural? Só a paixão é natural? Mas o que faz decidir ficar com esta e não com aquela paixão? Ao se considerar que Kierkegaard é um filósofo religioso, cabe pensar que ele possa acreditar na existência de um Deus, do destino e da predeterminação. Esse Deus define um destino quando cria o homem, mas, ao mesmo tempo, dá-lhe o livre arbítrio. Logo, tudo que acontece com ele, é responsabilidade do próprio, que faz escolhas e responsável por elas. Quando nos encontramos com a uma pessoa e temos a sensação do eterno

presente, do absoluto, ou seja, é aquela pessoa para ser amada, não podemos esquecer que tudo está condicionado ao destino por uma predeterminação divina, mas, o ficar com esta pessoa e a condução do relacionamento dependem da escolha do pretendente, visto que ele possui capacidade e poder de decisão de escolher outro caminho.

Em relação ao costume, Kierkegaard afirma que se trata de um termo que não pode ser empregado para o amor e a vida, uma vez que se refere ao mau e expressa falta de liberdade, e esta faz parte do bem. Por ser o amor um bem, a liberdade se faz presente no amor, e este não é possuidor do costume. O amor trabalha a individualidade e, sua essência fica entre a liberdade e a necessidade. Entretanto, o autor não menciona como deve ser preservada a liberdade, através da qual o costume seja afastado. Na verdade, a vida em comum é responsável pela presença do costume e a preservação da liberdade parece que não afeta o indivíduo nesse aspecto. A teoria do amor defendida por Kierkegaard mostra que o aspecto interno deve sempre prevalecer sobre o externo. Para o autor, esse amor é superior, sublime, mas não elimina o erótico. O amor é imediato porque já se faz presente no primeiro momento, no entanto, não deixa de ser conquistado e nem toda paixão caminha para o amor, porém todo amor necessariamente, deve possuir a paixão para se tornar possível a livre escolha.

## **O AMOR NO MATRIMÔNIO**

O amor consiste “na mais bela das missões que foi proposta ao ser humano” (KIERKEGAARD, 1994, p.12). O amor representa a realização humana e, ainda, constitui a substância fundamental para que ocorra o casamento. Na essência do matrimônio o amor preserva o valor e a beleza do erótico. Como a Igreja sublima o matrimônio, a sensualidade não é considerada pecado, pois ela é interiorizada no amor e, com efeito, no matrimônio. Daí, ser possível enfrentar os conflitos diários preservando a vida estética. De acordo com o autor, o amor deve ser renovado diariamente, sendo, portanto, importante dar-lhe atenção, uma vez que os prazeres desaparecem e, então, chegará o dia em que eles não serão mais recordados. Entende-se que, para Kierkegaard é possível manter o encanto, e, por essa razão, isso implica na manutenção das gentilezas. O “casamento de razão” destaca dois tipos de melancolia, sendo elas: a egoísta que se caracteriza pelo horror à união, por conta da falta de certezas em relação ao

outro, que é passível de mudanças, e a simpatia configurada pela nobreza, e por ser dolorosa é vista como a insegurança sobre si mesma. Assim, deve-se viver o momento, dia a dia, mas, mesmo dessa forma, não se alcançará a consciência da eternidade, marca característica da moralidade.

Neste casamento, o amor é intermediário da razão pensante e do amor imediato, e, ainda, sua ocorrência está fundada no interesse, no cálculo, no egoísmo. Diz o autor que essa união decorre do desespero, ou seja, a busca pelo dinheiro e posição social. Portanto, nela não está presente o eterno, visto que a razão calcula sobre o temporal e, conseqüentemente, tem-se uma união imoral e frágil. Segundo o autor, paixão e matrimônio não são compatíveis. Para que se torne histórica, a paixão deve ultrapassar o matrimônio. O alicerce do matrimônio cristão é o amor e, excluindo-se o amor, a vida de casado passa a ser apetite sensual ou sociedade de interesses. Surge, então, o seguinte questionamento para Kierkegaard: o amor precede ou segue ao matrimônio? E acrescenta: é um erro dizer-se que o amor virá com o tempo. A Igreja não deve abençoar o casamento sem amor. Conforme o autor, o noivado consiste em um amor irreal que se nutre da possibilidade de ocorrência. Esse momento ajuda aqueles que não têm coragem para se casar, mas o casamento impõe uma ligação eterna, o que os levam a fugir da situação. Porém, para Kierkegaard o matrimônio não pode ser imposto.

Ademais, o noivado traz consigo a ética, contribuindo para a saída do momento estético, pois este é fugaz. O noivado não possui a realidade ética do casamento, cuja realidade é do conhecimento do noivo, e este foge do matrimônio porque acha que seu amor está repleto de mistérios e, portanto, nem Deus pode conhecê-lo, conseqüentemente, o ator está condenado a morrer, uma vez que se fica preso à paixão por meio do matrimônio e através deste, invoca-se a Deus para que ele salve a paixão desventurada. Por ser um compromisso social, o noivado consiste no primeiro momento ético do amor. Para Kierkegaard o matrimônio oferece resignação e traz o momento ético, religioso e erótico. O amor matrimonial é quando acontece a união do sensível e do espírito. O amor revela-se no se dar entre as pessoas. O afastamento dos desejos temporais (estéticos) e de normas sociais (éticas). A resolução da resignação constitui também um elemento muito relevante. As pessoas pensam

no que ganham e não no que se perde. A decisão pela união com o outro ocorre com a plenitude da conquista do amor.

Dentre os motivos do matrimônio, o autor ressalta: casar-se para afirmar o caráter (é antiestético e irreligioso, pois nega o sentimento); casamento para ter filhos (filhos como herdeiros, perpetuando a família, cresci e multiplicai-vos) nesse tipo falta moralidade e estética; casamento para escapar da solidão, não se deve casar por necessidade (o indivíduo deve ser independente antes de se envolver). O grande defeito é “fazer de um momento particular da união o motivo da união” (KIERKEGAARD, 1994, p.73). Aquele que vive uma união em razão de outros motivos com exclusão do amor não encontrou a pessoa a qual pretendia pertencer plenamente. E, acrescenta o autor: “só quem é feliz sozinho, pode sê-lo com o outro, pois o outro não pode ser a solução dos nossos problemas” (KIERKEGAARD, 1994, p.73).

Portanto, o casamento deve ter o amor como seu único motivo, pois, consiste em grande erro casar por paixão ou interesse. Mesmo vendo outros atrativos no casamento, eles não podem ser vistos como o principal componente da união. Kierkegaard não aceita a ideia de que a convivência no casamento favorece o surgimento do amor. O matrimônio somente é abençoado quando já existe o amor, ou seja, no momento em que o casal já se conhece mutuamente, com a superação do encanto ilusório da paixão. Antes de se pertencer a outra pessoa, é necessária ter-se segurança de si mesmo e não precisar do outro. Para o autor, “quanto mais livre o indivíduo, mais beleza estética possui o matrimônio” (KIERKEGAARD, 1994, p.73). Este autor defende que a conquista não deve parar, e ela deve ocorrer aos poucos e nunca se considerar que o conjugue está conquistado. O amor começa quando o mistério não existe mais. Os problemas externos não devem influenciar na vida do casal, uma vez que com o amor é possível interioriza-los. A traição para Kierkegaard representa mentir, enganar, esconder. Ser fiel ao casamento significa ser verdadeiro, mostrando-se quem se é de verdade. Assim, infidelidade também diz respeito à falta de sinceridade. Trair também implica em não se deixar conhecer, não se mostrar. No amor, a fidelidade é uma escolha. Considerando-se que o modo de vida ético baseia-se na relação com os outros. Logo, as características do amor conjugal abrangem:

[...] é fiel, constante, humilde, paciente, longânimo, indulgente, sincero, modesto, vigilante, fervoroso, dócil, alegre, virtudes essas que são propriamente disposições do foro interior. O indivíduo não luta contra inimigos de fora: vence-se a si mesmo (KIERKEGAARD, 1994, p.128).

Em geral os homens vivem de esperança e de recordações, portanto, não vivem no presente. O amor a ser vivido, mesmo estando ligado ao divino, é o amor de cada dia, do eterno presente.

## **CONCLUSÃO**

O ético caracteriza-se pelo correto comportamento do indivíduo com a família e em relação ao trabalho. Esse modo de vida é configurado também por uma conduta séria e profícua adotadas em conformidade com os padrões morais. Assim sendo, todo ser humano pautado no ético vive adequado com sua interioridade e exterioridade e, conseqüentemente, livra-se da angústia da interioridade solitária. O que reflete de algum modo, na sua convivência exterior. O ético leva o homem a se entregar à vivência social, implicando na vida em grupo, e, portanto, sujeito a normas preestabelecidas pelo grupo. Escapa ele de viver somente a sua interioridade, quando assume sua função social nesse grupo. No homem está presente uma disputa envolvendo os elementos, desejo e dever, no entanto, ao se optar pelo estilo de vida ético, há cedência a um conjunto de obrigações exigidas por esse próprio estilo de vida. Nesse estágio, faz-se presente o lado racional da vida, controlador dos instintos, mas isso não significa a racionalização plena. Na vida ética, verifica-se uma ocorrência de conciliação da vontade própria com o viver social. No entanto, isso não significa uma vida de escravidão, tendo em vista que o bem é feito sem imposição, mas, sim, por decisão própria. Tal vida encontra sentido na convivência social, sem preocupação em identificar em que lugar está situado o real perigo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Jorge Miranda de; VALLS, Álvaro L.M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

DACOREGIO, Alexsandra Amorim. **Os modos de vida em Kierkegaard**. 2007. 93f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

KIERKEGAARD, S. **O matrimônio**. São Paulo: Editorial Psy II, 1994.